



CONSTRUINDO MEMÓRIA NO ÂMBITO DA CULTURA DIGITAL

Juan Sebastián Ospina Álvarez
FAV/UFG

Nayara Joyse Silva Monteles
FAV/UFG

Resumo

Este artigo discute sobre a produção de memória no âmbito da cultura digital, especificamente na rede social digital INSTAGRAM. Abordam-se reflexões sobre o conceito de memória e sua construção mediante as visualidades que usamos como registros de acontecimentos, espaços e pessoas que mexem com nossos afetos. Tais apontamentos são pautados em nossas experiências enquanto sujeitos imersos neste espaço.

Palavras-chave: memória; cultura digital; visualidades; Instagram.

Resumen

Este artículo discute la producción de memoria en el ámbito de la cultura digital, específicamente en la red social digital INSTAGRAM. Se abordan reflexiones sobre el concepto de memoria y su construcción mediante las visualidades que usamos como registros de acontecimientos, espacios y personas que mueven nuestros afectos. Estos enunciados están basados en nuestras experiencias en cuanto sujetos inmersos en este espacio.

Palabras clave: memoria, cultura digital, visualidades, Instagram.

1 Introdução

Na contemporaneidade nos encontramos inseridos em diversas ações cotidianas que vinculam interações com ambientes digitais, locais onde colocamos os registros do que acontece conosco e através dos quais iniciamos viagens sem roteiro que criam nossas experiências on-line. A dinâmica desta sociedade que alguns nomeiam como *sociedade do conhecimento*, exige de nós um trabalho muito mais integrador com as informações tanto textuais quanto visuais que postamos diariamente, isto para nos colocar em um patamar que supere antigas fórmulas baseadas na simples “narrativização” ou produção desenfreada (ZAFRA, 2010).

Com a popularização das mídias eletrônicas as imagens se converteram em uma das principais habitantes dos processos de comunicação, elas nos permitem imaginar o próprio mundo cada vez mais digital e cada vez “menos” palpável. Elas viajam com uma velocidade a qual ainda tentamos nos acostumar, por vezes trazem incertezas mas ao mesmo tempo são por meio delas que nosso habitar digital cobra sentido.

Nos posicionamos nesta escrita como *viajantes interculturais*, termo usado pela própria Remedios Zafra (2010), pois cada click para “ingressar” na rede Instagram, nos abre um leque infinito de possíveis caminhos que chegam até nós em forma de imagens e comentários, etiquetas, sugestões do aplicativo ou motivações movidas



por questões do dia a dia. Nunca temos tido certeza das visualidades que visitaremos, inclusive as primeiras em aparecer nas nossas times lines vão se fundamentar como disparadoras de interações. Práticas e locais nos quais nunca temos estado nem participado sempre aguardam por nós para fazer com que de cada imersão na rede nosso repertório imagético se atualize e amplie suas possibilidades de expansão.

2 O Que Entendemos por memória?

Na atual conjuntura, onde coabitamos em um universo de imagens e sob o signo da imagem experienciamos formas de dialogo pautados na linguagem visual, escrita e verbal, contudo, tal ponto é suscitado para contextualizar a dimensão que as visualidades ganharam em nossa sociedade. A gama de informação que lidamos cotidianamente chega a ser impressionante, o que evidencia a relevância da memória para acolher tamanho fluxo de dados.

O próprio conceito de cultura digital tem modificado nossas relações com o que foi/é/será produzido, tanto os objetos, momentos e espaços, quanto os registros destes avançaram seu caráter de simples arquivo e tomaram partido na produção de sentido, não à luz de documento mas sim desde a óptica de dispositivos. As imagens ocupam a maior parte do “disco duro” do mundo e além disso dinamizam a memória RAM com que se cria e compartilha no âmbito digital.

No entanto, alguns pressupostos questionam se a popularização do intercâmbio de informações digitais é a nova memória mundial e também se algum dia perdermos a energia elétrica ou se quebrarem os grandes processadores que fazem as vezes de nuvens, se perderíamos nossa memória? Questionamentos pautados na memória enquanto sinônimo de documento/momento, ou seja, aquilo que só é possível ter a partir da materialidade física.

Sobre a memória, ressalta-se que anteriormente era fruto de estudo de áreas de conhecimento como: neurologia, psiquiatria, história etc. Entretanto, vivenciamos um momento em que se discute a memória em diversos âmbitos, inclusive desde o digital que nos coloca frente a novas formas de relação entre imagem, sujeito e mídia, neste caso, mais especificamente as mídias que estão conectadas a rede. A memória, nos dias de hoje, é considerada ambivalente, a pesquisadora aponta para uma quantificação da mesma e exemplifica perguntando sobre a quantidade de memória presente nas câmeras, computadores, celulares bem como outros objetos digitais.




Os espaços de informação/diálogo na era digital são um convite a pensar a memória a partir de outras perspectivas, ou seja, de aspectos que vão além da memorização, do ato de preservação. Trata-se de uma memória que não tem como base a relação cronológica mas sim, a afetividade. Parece que na hora da sua nomeação tivesse sido emprestada a noção de memória dos computadores e aparelhos tecnológicos mas, uma memória que é ao mesmo tempo a capacidade de encadear informações e fazer com que elas apareçam.

Memória é hoje também consciência, potência de ação, ela já não fica atrelada só as lembranças, ela viaja entre o passado e o presente, nos fala da “força” das imagens para tomar rumos inesperados, ela já não só se pauta nos arquivos lineares, pelo contrário, ela aparece como uma rede que cobra sentido a partir das conexões que se estabelecem por meio de tarefas intertextuais, ou seja, elas conseguem viajar no(s) tempo(s) para fazer que por exemplo um quadro do Da Vinci se torne uma camiseta da mais nova coleção do verão. José Luis Brea (2010), a esse respeito, aponta que na atualidade “a imagem é força de arquivo que retém o capturado para que, fora do seu tempo, possa recuperar-se de novo, vir de novo a *acontecer*” (p.13, tradução própria).

Com a imagem fílmica, no século XX, a memória passou de ser simples arquivo, a ser também testemunha das suas próprias passagens, viagens, percursos. Já no final desse século e no que tem corrido do presente século, as imagens eletrônicas estão no mundo não para ficar, mas sim num constante ir-se. Não tem um tempo determinado e tem o dom da ubiquidade, neste tipo de imagens não se oferece uma evocação, sua natureza digital carrega a estas de “histórias” que se disseminam em um presente contínuo. Nesta mesma direção Etienne Samain (2012) considera que “as imagens são carregadas de um tempo que, insisto, não tem nome. Velhas ou recentes, as imagens não tem idade, senão a de uma possível eternidade” (p.58).

Os cantos digitais por onde elas percorrem não exigem exclusividade, de fato permitem que elas estejam num constante ir e vir, não estão sob o olhar das elites que solicitavam singularidade, ao contrário, cada imagem pode sofrer tantas variações quantas pessoas que a use. Na atualidade quantas mais vezes uma imagem seja curtida, compartilhada, descarregada, maior será a quantidade de rumos que esta pode tomar e as possibilidades de recombinação com outras informações que fazem parte daquilo que José Luis Brea (2010) nomeia, sem um interesse nostálgico, *contramemórias*. Ditas *contramemórias* são uma versão contemporânea/arquivística da memória material, que segundo o mesmo autor são,



pura força de processo, disposição estrutural de interruptores abertos ou fechados executando a tensão dos seus movimentos possíveis à impressionante velocidade de um pulso que valora a cada momento a totalidade eventual dos seus possíveis percursos (p.80)

É importante lembrar que a memória que defendemos neste texto não se constrói só a partir de imagens, palavras e textos, mas também com intenções, crenças, afetos e subjetividades. Esta memória não se cria nem se conserva nos locais - museus, universidades, bibliotecas - nos quais as imagens fixas e em movimento eram salvas mediante fotografias, livros, quadros, esculturas, acervos, etc. A memória desenvolvida pela cultura digital é imperceptível, é uma força de encadeamento da rede mundial de computadores que funciona, utopicamente, de um modo mais horizontal. Com isto não queremos invalidar a concepção de memória oferecida nas décadas anteriores, pois como argumenta André Rouillë (2009)

Atualmente, o processo de globalização, que se acelera e se generaliza, as trocas, os encontros e os contatos que se intensificam, os limites, geográficos ou não, que se deslocam, as fronteiras que oscilam e se reconfiguram uma após a outra, os totalitarismos que se desfazem e se renovam, a flexibilidade, o nomadismo, a mestiçagem que fazem a regra do presente, as exclusões que se deslocam... tudo isso manifesta, na arte e em outros setores, o fim do reinado do “ou” e o advento de uma nova época: a do “e” (p.340).

Posto a ampliação do que concebemos como memória para além da matéria física, compreendemos que esta concepção também envolve as questões culturais que são inerentes aos sujeitos que as constroem. Assim, salienta-se que compõem essa relação cultural em rede aspectos como: coletividade, no qual as pessoas partilham além de fragmentos de suas memórias saberes, sentimentos e sensações; dessa forma, estamos falando também de sociabilidades e interatividades em rede.

2.1 Memória e Cultura Digital

Tal como defende Mauricio Lisovsky (2008) nos encontramos “em uma cultura já inteiramente dominada por dispositivos tecnológicos instantâneos que sustentam uma complexa rede de simultaneidades globais, presente e futuro pretendem convergir para uma mesma atividade” (p.2). As fotografias são mais do que congelamentos dos instantes, são setas que procuram um objetivo, um leitor que não coloque elas na sua bolsa mas que sim lance elas de novo para conectar informações, pois como sustenta Susan Sontag (2004), as imagem tem a capacidade de juntar aquilo que na realidade está distante.



Imagens carregadas de fantasmas que longe de assustar o que fazem é murmurar deixando claro que são eternas, que em qualquer momento só com um click aparecem para lembrar o que foram mas também para enfatizar o que podem ser. Elas também assustam porque gritam forte: “somos verdades”, em outras palavras, elas chegam para construir nossas relações com o mundo que elas próprias tem edificado, um mundo codificado, segundo Flusser (2007).


De acordo com Samain (2012) o Atlas de Mnemosyne era uma história de fantasmas para adultos. Internet é o hoje outro Atlas que o Warburg não chegou a imaginar, mas acreditamos que seu interesse por uma memória coletiva da humanidade, nos dias de hoje, com a cultura digital de acesso às imagens, estaria potenciado pela forma como os sujeitos brincam e criam sentidos com as visualidades.

As mudanças decorrentes dos contextos culturais reverberam nos espaços virtuais, deste modo, consideramos interessante enfatizar a versatilidade dos meios e espaços de comunicação midiática. As transformações não se referem somente as tecnologias ou simples combinação de técnicas mas, referem-se também as formas de atitudes e conceitos no âmbito da rede, nas quais os sujeitos que nela participam podem ser considerados “produtores de cultura visual” (AGUIRRE, 2013).

Ao adotarmos o termo utilizado pelo professor Imanol Aguirre (2013), no contexto de uma discussão dos espaços virtuais ou digitais, entendemos que nestes locais, através das interações, os sujeitos produzem e interagem com/através de visualidades, tornando o fluxo de dialogo imagético contínuo mas, que não segue uma ordem temporal fazendo as visualidades percorrerem espaços diversos.

Se pensamos a memória a partir de um viés ligado aos processo e não à ação de arquivar, os estudos da cultura visual nos colocam frente a situações de confronto com regimes simbólicos e nos oferecem possibilidade de conhecer informações que antes seguiam uma linha cronológica mas que hoje viajam na construção de uma história social do visual e também a construção visual do social.

Como espaço de memória e produção de cultura visual apontamos as redes sociais digitais que tem proporcionado às pessoas a possibilidade de um dialogo pautado com imagens estáticas e/ou em movimento, ou seja, fotografias, desenhos e vídeos. Dos espaços de compartilhamentos citamos: Facebook, blogs, Instagram entre outros que podem ser denominados de web 2.0. Sobre espaços de interação em tempo real, com possibilidade de interação e construção do conhecimento coletivo, ressalta-se que:



A web 2.0 pode se considerada uma nova concepção, pois passa agora a ser descentralizada e na qual o sujeito torna-se um ser ativo e participativo sobre a criação, seleção e troca de conteúdo postando em um determinado site por meio de plataformas abertas. Nesses ambientes os arquivos ficam disponíveis on-line, e podem ser acessados em qualquer lugar e momento, ou seja, não existe a necessidade de gravar em um determinado computador os registros de uma produção ou alteração na estrutura de um texto. As alterações são realizadas automaticamente na própria web (BLATTMANN e SILVA, p. 198, 2007).

Cada rede social possui especificidades que dizem respeito a quem compartilha e o que compartilha e tais formas de participação geram novos partilhamentos. Para adensarmos a discussão sobre memória no âmbito da cultura digital adotaremos como objeto de análise a rede social Instagram, e ainda a nossa experiência enquanto sujeitos que estão inseridos neste ambiente.

2.2 Sobre o Instagram

Instagram é um álbum de fotos que não fica guardado unicamente em um armário dos nossos móveis, ele é um álbum que cobra sua materialidade quando é visualizado na tela de um celular, tablet ou computador. As fotografias que nele são colocadas nem sempre precisam da explicação de quem as tirou ou posou. Marcadores como a data, local, pessoas que aparecem, além dos comentários feitos pelo dono ou dona da conta e seus seguidores e seguidoras, deixam inúmeras possibilidades de leitura abertas, tantas quantas pessoas que ingressem na conta, bem porque fazem parte desse círculo ou porque um link lhes levou até esta.

Esta rede social torna-se ideal para pensar o tipo de memória antes descrito, ela tem como intuito escrever com instantes, convidar as pessoas para capturar o cotidiano, mas não para deixar ele preso, pelo contrário, para permitir que ele intervenha no cotidiano de esse outro ou essa outra que pelo acaso chegou naquele instante/visualidade que funciona como disparador de afetos. Como aponta Aguirre (2011), a estética tornou-se parte fundante dos cotidianos, já não faz parte exclusiva do “mundo da arte”, hoje, participando de redes como Instagram, nos temos tornado fazedores ativos de imagens, construtores imagéticos.

Por meio da etiqueta #TBT que significa “*Throwback Thursday*” ou no português quinta-feira de antanho, as pessoas podem fazer com que suas imagens postadas anteriormente ou imagens mais antigas, viagem, se conectem com outras informações e mexam com outros afetos de maneira desprevenida. Assim, esse “lembrar” vira uma potencia de conectar, de criar visualidades.



As imagens no Instagram representam o instante de quem vivenciou o momento e/ou a circunstância, contudo, não se trata somente de representação de vivências do cotidiano mas, de representar sensações de quem escolhe um dado artefato visual para representar-se. Dessa forma, ressaltamos que nem sempre as imagens expostas neste âmbito, são fotografias do “real” pois podem ser imagens escolhidas na rede, e ainda, criações.

2.3 Construindo Memórias

Hoje não é tão comum se sentar na sala da casa para rever as fotografias dos álbuns familiares, em cambio, usamos as telas dos nossos dispositivos móveis e não tão móveis como os computadores de mesa, para olhar o que fomos/somos, onde estivemos e por consequência como temos sido e somos construídos a partir desse ter estado e estar sendo. Risadas acompanhadas por um café enquanto se viravam as folhas, na atualidade são substituídas por clicks, curtições e compartilhamentos que se fazem desde o privado, desde o individual que torna-se público na medida que fazemos parte das redes sociais digitais.

Estas memórias compartilhadas no âmbito da rede são parte do que somos, pensamos e por assim dizer são imagens que constituem parte das nossas afetividades, deste modo, não se trata do mero carinho mas, da forma como dialogamos e escrevemos nossa história no Instagram. Quando postamos uma imagem ela ganha novas dimensões que giram em torno de quem vê e interage, o que nos coloca frente a novos desafios que vão além de ser espectador.

Acreditamos que podem ser apontados vários aspectos que evidenciam as praticas de interações no Instagram, contudo, gostaríamos de enfatizar alguns aspectos que dizem respeito as nossas escolhas imagéticas: afetividade; as rachaduras; indiferenças e senso crítico; cronologia; ativismo. Poderíamos elencar mais aspectos, contudo, para este artigo iremos desenvolver esses pontos, visto que ao fazer a escolha por estas características deixamos de lado outros, que poderão ser desenvolvidos em circunstâncias posteriores.

Sobre os pontos suscitados no paragrafo anterior consideramos essencial realçar que no que diz respeito a afetividade ao nos depararmos com uma visualidade é produzido um emaranhado de sensações que nos conduz a escolha e exclusão de imagens que falam sobre nós e por nós e que por vez, instigam outros sujeitos a dialogar conosco. Estamos falando de aspectos da afetividade que nos leva a ter



determinada afinidade com um artefato cultural a ponto de escolhê-lo para ampliar discussões ou promover *likes* em nossas páginas.

Essas imagens são pontos de rachaduras e interseções, que não narram precisamente uma história mas, uma condição de um sujeito que deseja se colocar mediante seu ciclo para expressar sem utilizar diretamente a escrita. Entretanto, não desejamos diminuir a relevância da escrita mas, elencar que a imagem também é um signo. As rachaduras, neste caso, são apontadas como forma de expressão a quebra no discurso de quem propõe, de quem visualiza, deixando transparecer aspectos não lineares.

Entre os fatores que também nos conduzem a escolha de um determinado artefato visual, em nossas experiências, sempre estão presentes a indiferença e o senso crítico, pois tal representação promove diálogos múltiplos, assim, o olhar crítico, nesse sentido é o olhar perguntador, questionador, provocador e deste modo, também enfatizamos que estas imagens são portadoras de saberes, nas quais, estão imbricadas uma forte carga cultural.

Ainda como ponto de discussão pautado em nossa vivência, negamos a ideia de cronologia enquanto ordem, mas, salientamos a relevância do tempo: de quem torna pública a imagem em sua conta do Instagram, de quem visualiza e que leva em conta fatores sociais e culturais de ambos os sujeitos. Assim, por diversos momentos nessa rede social, foi possível ver presente o ativismo como forma de defender e/ou simplesmente deixar claro o posicionamento diante de determinadas situações. Nesta configuração de memória as discussões/diálogos ganham dimensões incalculáveis, tornando-se viajantes na exposição de pontos de vistas diversificados que nos fazem cotidianamente visualizar novos momentos, participando desse contexto sujeitos quer sejam parte de nosso círculo de amizade ou não, pois podem se tratar de amigos de nossos amigos que também expressam os seus pensamentos e sensações sobre situações que por vezes causam indignação.

Escolher uma imagem que irá compor parte de nossa memória na rede social Instagram é representar nossas vivências e sensações experienciadas no dia a dia, entretanto, as opções envolvem deixar uma série de outras imagens que poderiam falar do mesmo assunto. As escolhas são difíceis, principalmente porque temos disponíveis na rede uma gama de artefatos visuais com os quais podemos interagir e ainda temos a opção de criar e recriar no celular de uso pessoal nossas próprias imagens.



Nos nossos casos, as imagens que postamos nas nossas contas de Instagram tem sido uma maneira de capturar uma cidade nova (no sentido amplo da palavra) que nos acolheu para fazer nossos estudos de pós-graduação, mas também uma forma de nos conectar com o que nela acontece, deixarmos levar pelas etiquetas e nos deparar com informações, pessoas, atividades, locais e discursos que nos motivam a mergulhar em perfis, grupos e temáticas.

A partir da nossa inscrição no Instagram temos nos deparado com imagens outras deste tempo longe das nossas cidades de origem, visualidades que nos fazem interessar em marcar saídas, “seguir” pessoas, curtir discursos e participar na criação de redes de sentidos resultantes de postar, seguir, curtir e comentar. As etiquetas que usamos tem sido decantadores de visitas e tem nos permitido “escrever” trilhas de viagem incertas mas que nunca deixam de ser descobertas e novas motivações para próximas mergulhadas.

O fato de constantemente etiquetarmos um ao outro, nos possibilita compartilhar essa informação que já foi e que nos permitirá ser esses viajantes interculturais que fazem parte daquele mapa infinito que desenham os álbuns da rede digital. Amigos dos círculos de um tem conhecido ao outro, não olham para nossas imagens só como lembranças mas também como artefatos que nos constituem e que determinam um presente que se expande com a (re)utilização de imagens de um passado mais reduzido, menos nostálgico e indiscutivelmente tão presente como o próprio presente, se de tempo queremos falar.

2.4 De que formas essas práticas e imagens educam?

Ao depararmos com uma realidade imagética onde as imagens perderam, de algum modo, sua propriedade de arquivamento na rede e por sua vez ganharam um estar mais presente na vida das pessoas, é possível ver como práticas de busca, uso e produção de visualidades para a internet influenciam também as imagens que chegam e viajam às e desde as aulas. Não é estranho que na hora de uma aula que instigue o uso de imagens, os estudantes e nós mesmos como mediadores iniciemos viagens por perfis, contas e grupos que disponibilizam visualidades e discursos os mais diversos.

Os motores de busca dotam as imagens daquela ubiquidade que Walter Benjamin (1986) previa com os sistemas de reprodução técnica. Uma reprodução que além de permitir, em alguns casos, detalhamentos das obras, amplia o leque



de releituras que por sua vez as dotam de novidade e fazem com que elas resultem atraentes para as novas gerações que gostam e precisam de interação e participação na produção de cultura visual.

Essas imagens nos ensinam sobre as múltiplas possibilidades sobre seu uso, com elas aprendemos que o conhecimento e o arquivo imagético não fica relacionado só a uma faixa temporal, ao contrário, ele é um continuum. Tal corpo visual não cumpre uma tarefa meramente ilustrativa e se torna uma potencia de tecer relações, provocar movimentações, trabalhar sobre afetividades e construir redes cognitivas. O conhecimento que se constrói a partir daquele mundo imagético não só é o que assiste às escolas, faculdades e centros de formação, é um conhecimento que desemboca em ações de socialização e roteiros de viagens pelas estradas que uma imagem e/ou um comentário na internet cria.

3 Considerações Finais

A memória digital não só tem um caráter de arquivamento derivado das memórias dos aparelhos com os quais fazemos parte das redes, mas também elas se incorporam na nossa própria participação encarnada na rede. Este último tipo de memória é aquele que norteou nossa escrita e define a nossa vinculação nas redes de socialização on-line. Esta memória não tem o intuito único de gravar, mas sim de potencializar ações nas redes e promover discussões e comentários.

É imprescindível ressaltar que essa memória que se constrói de forma rápida e intensa na rede é disparadora de diálogos e construtora de conhecimentos que acontecem de forma coletiva. A cada instante que acessamos as nossas contas nos deparamos com novas portas de saberes, que nos levam a novas ideias sobre determinada representação que foi postada por alguém, curtida por alguns e discutidas por muitos.

Enfim, nossa memória se constrói com aquilo que não é “velho” nem que sempre ficará nessa categoria, estamos usando constantemente essas imagens e discursos para provocar interações simples e outras mais complexas de acordo com as nossas necessidades atuais.



Referências Bibliográficas

AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora. IN: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 69 – 111.

_____. Reflexividade e desafios na pesquisa com jovens produtores de cultura visual. IN: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 291 – 320.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BLATTMANN, U; SILVA, S. C.C. **Colaboração e Interação na Web 2.0**. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ptcbib/index.php/ptcbib/article/view/846>. Acesso: 23/04/2015

BREA, J. L. **Las tres eras de la imagen**. Imagen - materia, film, e - image. Madrid: Ediciones Akal, S.A, 2010.

FLUSSER, V. **O mundo codificado**. Por uma filosofia do design e da comunicação. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LISSOVSKI, M. **A máquina de esperar**. Origem e estética da fotografia moderna . Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea** . São Paulo: Editora Senac, 2009.

SAMAIN, E. Aby Warburg. Mnemosyne. Constelação de culturas e ampulheta de memórias. In: Samain, E. (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2012, p. 51-80.

ZAFRA, R. Prólogo X0Y1. In: ZAFRA, R. **X0Y1 #ensayos sobre género y ciberespacio**_. Madrid: Briseño Editores, 2010. p. 6 - 11.

Minicurrículos

Juan é doutorando em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, mediante bolsa CAPES PEC-PG. Mestre em Design e Criação Interativa pela Universidad de Caldas em Colômbia. Possui graduação em Diseño Visual pela Universidad de Caldas (2009). Foi jovem pesquisador e inovador da Universidade de Caldas. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Visual, atuando principalmente nos seguintes temas: design digital; gênero, identidades digitais e estudos da cultura visual.

Nayara é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás- UFG, realiza pesquisas na área educação a distância em artes visuais; formação de professores em arte; cultura visual.